



*Oh, que teia emaranhada tecemos, quando decidimos
engendrar mentiras!*

— Sir Walter Scott







1

AS WAVERLY OWLS NÃO BEIJAM MENINOS EM PÚBLICO.

Uma chuva fria e cinzenta salpicava as imensas vidraças do estúdio de belas-artes. Em vez de se concentrar na enorme folha de papel jornal esparramada na mesa diante dela, Jenny Humphrey viu-se pensando na cena de amor de *Ponto final*, quando Jonathan Rhys Meyers praticamente devora com a boca a cabeça de Scarlett Johansson debaixo de um dilúvio no campo. É claro que, se fosse com *ela*, seria o sexy primeiranista da Waverly Academy Easy Walsh devorando a cabeça dela. (E, como no filme, seria verão no interior da Inglaterra e não um dia de outono gelado no norte do estado de Nova York.) O primeiranista sexy da Waverly Academy Easy Walsh — que por acaso era seu namorado.

Na semana passada, a Sra. Silver de cabelo frisado convidou Jenny, Easy e Alison Quentin para participarem de seu



curso eletivo de Desenho de Figura Humana nas tardes de quarta-feira. Ela os havia puxado de lado depois da aula de retratos e, com uma voz orgulhosa e um brilho nos enrugados olhos azuis, disse, “Vocês são meus astros”. Ao participarem do curso de Desenho de Figura Humana, raciocinou ela, eles poderiam compreender melhor o corpo e aprimorar os talentos já impressionantes. Jenny ficou emocionada — era totalmente lisonjeiro se ver destacada depois de apenas algumas semanas de aula e ouvir que era talentosa. E a idéia de ter que passar um tempinho a mais com Easy também não doía nadinha.

Ao chegar ao estúdio depois do almoço, Jenny sentou-se perto da porta. No meio da sala, havia uma grande plataforma a cerca de trinta centímetros do chão, com uma única cadeira. As mesas estavam dispostas em semicírculo em torno da plataforma. Seus olhos varreram a sala, na esperança de ver a adorável cabeça de cachos castanhos escuros de Easy. Ela reconheceu algumas pessoas. Parker DuBois, o veterano da França (ou era da Bélgica?), sobre o qual as meninas estavam sempre cochichando, uma indiana alta de seu time de hóquei de grama, uma garota que ela e Brett passaram a chamar de a Dama de Preto. Por fim ela localizou Easy perto dos armários de suprimentos. Ele a estava fitando enquanto ela vasculhava a sala e lhe deu um pequeno aceno, fazendo seu coração palpitar. Como se ele já não estivesse palpitando.

Quando não estava sonhando acordada com os olhos na vidraça chuvosa, Jenny achava a aula de duas horas maravilhosamente desafiadora. A cada cinco minutos, a Sra. Silver pedia a um aluno diferente para subir e posar segundo suas instruções. Totalmente vestido, é claro, então não era realmente uma coisa



que constrangesse, embora Jenny não gostasse da idéia de toda a turma desenhando seus peitos gigantescos. Por sorte, ela não foi chamada. Mas Easy foi. A Sra. Silver o fez sentar na cadeira e amarrar os sapatos, e Jenny não conseguiu deixar de pensar que desenharia melhor se ele tirasse a camisa. Antes do fim da aula, a Sra. Silver circulou pela sala e escolheu os melhores esboços do dia (de Easy, Parker e da Dama de Preto) para a exposição da galeria dos alunos na sexta-feira, que não por acaso coincidia com o Fim de Semana do Conselho Diretor da Waverly.

Quando os alunos foram dispensados, o vento estava mais intenso e lá fora parecia uma completa monção. Ainda bem que ela estava com as galochas Jeffery Campbell com seu moderno desenho multicolor floral. Uma graça, sim — mas prático também. Ela leu na revista *Real Simple*, numa tarde chuvosa em que passou folheando os periódicos na biblioteca da Waverly (em vez de decorar conjugações verbais em latim), que era bom para a psique vestir alguma coisa brilhante e colorida em dias úmidos e melancólicos. Jenny tomara a fundo o conselho e o usou como uma desculpa para comprar as galochas e uma adorável capa de vinil vermelho Benetton que achou online — era de tamanho infantil e ficou meio apertada no peito, mas usá-la lhe dava vontade de sorrir.

Até parece que ela precisava de *mais um* motivo.

Jenny se levantou e retirou as alças da mochila das costas da cadeira.

— Deixou cair alguma coisa? — Ela ouviu uma voz baixa falar atrás dela enquanto algo tocava delicadamente suas costas. Jenny girou o corpo e lá estava Easy, brandindo seu guarda-chuva rosa-claro como uma espada de esgrima.



— Quer emprestado? — ofereceu ela, recuando um passo para deixar que o resto da turma saísse.

— Não é bem a minha cor. — Easy largou a bolsa de carteiro de lona no chão e vestiu o blazer marrom da Waverly. O manual da Waverly, que Jenny estudara religiosamente antes de chegar ao colégio interno até perceber que ninguém o levava a sério, dizia que todos os blazers da Waverly tinham de estar “adequadamente conservados”. Sabe-se lá o que isso queria dizer. Jenny tinha certeza de que o blazer de Easy, com seu timbre meio descosturado, punhos puídos e um amarrotado permanente, não seguia essa regra.

— Não sei não. Você fica bem de marrom, e marrom fica só a alguns tons do rosa no círculo cromático da Sra. Silver — brincou ela, pegando o guarda-chuva dele.

Ele se inclinou para ela como quem conspira.

— Você fica ótima em todas as cores.

Jenny tossiu para disfarçar o sorriso de pateta que sentiu abrir em seu rosto.

— E — continuou Easy — você fica especialmente gata com cinza carvão nas bochechas. — Ele colocou a mão na parte inferior das costas de Jenny e a levou para fora do estúdio.

— Como é? — Jenny olhou seu reflexo em uma das caixas de exposição de escultura que ladeavam o corredor. Havia um borrão cinza na bochecha direita. Ai! Lá estava ela, pensando que seria romântico se estivesse sozinha no estúdio de belas-arts com Easy, e o tempo todo ele estava se perguntando quando ela ia perceber a sujeira na cara. Jenny rapidamente pegou um lenço no bolso dos jeans e passou na bochecha. Ela precisava de um pouco de água, mas não ia cuspir na frente de



Easy. Nojento. Ela deu de ombros e andou ousadamente pelas portas principais, saindo na tarde chuvosa. — A chuva vai lavar.

Ela abriu o guarda-chuva e o segurou acima da cabeça dos dois enquanto eles desciam a escada do prédio de belas-artes.

— Aonde você vai agora? — perguntou Jenny, andando na ponta dos pés para dar a Easy um pouco mais de espaço. Embora já pudesse sentir o cabelo encrespando com a umidade, Jenny podia apreciar a beleza do chuvisco gelado. O pátio da Waverly ainda conseguia ficar estonteante — a grama parecia artificialmente verde, e todos os tons vivos de vermelhos e laranja dos enormes carvalhos estavam encobertos numa linda névoa cinzenta. Parecia um cartão-postal. E ela morava ali.

Easy deu um tapinha no bolso da camiseta listrada de marrom e branco Abercrombie & Fitch. Era tão fina que provavelmente se desintegraria na próxima vez em que fosse lavada. Jenny reprimiu o impulso de passar as mãos pelo peito dele — para sentir a camiseta, é claro.

— É melhor dar um pulo nos estábulos e ver a Credo. Ela fica meio nervosa com a chuva.

— Dê uma cenoura a ela por mim. — O dia em que conheceu Credo foi a primeira vez em que Jenny montou num cavalo na vida — ou beijou Easy Walsh. O tempo parecia voar na Waverly. Cerca de uma semana e meia se passou desde que Easy voltou mais cedo da festa do Café Society de Tinsley Carmichael em Boston e levou Jenny até o penhasco para ver o sol nascer. Eles conversaram, se beijaram e se abraçaram. Foi... celestial. Foi uma daquelas coisas que você não espera que um dia vá acontecer ou, pelo menos, não se você é uma



segundanista baixinha de cabelos crespos e peitos gigantes chamada Jenny Humphrey.

Easy sorriu para Jenny e chutou um dos refletores molhados que iluminavam as topiarias retorcidas que circundavam o prédio.

— Você podia vir comigo — sugeriu ele, um olhar tímido cruzando seu rosto, como se ele estivesse pensando em fazer em alguém, que não Credo, uma longa e agradável massagem.

Jenny girou o guarda-chuva no alto, brincalhona. Mais uma tarde chuvosa nos estábulos com Easy — sozinhos? Parecia tentador demais. Ela sacudiu a cabeça devagar.

— Sabe que eu adoraria ir, mas não deve ser uma boa idéia. Tenho um trabalho enorme de inglês para entregar na sexta e tenho que passar um tempo sendo produtiva com meu laptop na biblioteca.

Ela não queria parecer uma mala, mas estava tirando boas notas e queria continuar assim. Jenny pousou a mão livre na cintura de Easy; o contato com a pele dele lhe provocou uma descarga de adrenalina maior do que a que ela sentiu quando marcou o primeiro gol no jogo do fim de semana passado contra a Briarwood Academy. Peraí, ela estava dispensando o cara para *estudar*? Mas essa garota é maluca?

— Acho que posso esperar — disse Easy no lindo sotaque arrastado do Kentucky. — Já que você insiste. — Seus olhos azul-escuro encontraram os de Jenny e um arrepio lhe correu pela espinha até os dedões dos pés em suas galochas berrantes.

— Vamos fazer alguma coisa bem divertida no fim de semana — prometeu Jenny enquanto eles seguiam pelo ca-



minho de cascalho para o Dumbarton. — Vamos cavalgar na sexta e depois jantar. Quem sabe eu posso experimentar um meio-galope?

Easy sorriu.

— Ótimo. Vou dizer a Credo que você estará pronta para um desafio.

— Não! — gritou Jenny, batendo o quadril em Easy e expulsando-o da proteção do guarda-chuva. — A última vez já foi desafio suficiente.

Easy mergulhou de volta à proteção do guarda-chuva e passou o braço no dela.

— Então vou acompanhá-la até seu quarto.

Só a menção da palavra *quarto* a fez enrijecer. Em parte, ou talvez grande parte do motivo para a recente dedicação aos estudos de Jenny se devia ao fato de ela ficar apavorada com a possibilidade de ficar sozinha com a colega de quarto, Callie Vernon. Até a biblioteca velha e abarrotada parecia uma alternativa mais animadora.

Antes Jenny morava em um quarto com Callie, Tinsley e Brett Messerschmidt. Mas depois que Tinsley e Callie foram flagradas voltando de fininho para a Waverly após a festa que deram na suíte presidencial no Boston Ritz-Bradley, o reitor Marymount separou as meninas. A primeira semana depois que Brett e Tinsley se mudaram do quarto 303 para o 121 do Dumbarton foi a mais desagradável na vida de Jenny — pior ainda do que a vez em que ela ficou menstruada num acampamento nos bosques de Vermont com o pai e teve que usar os antigos absorventes que pareciam fraldões vendidos na loja mais próxima. Callie tinha um jeito humilhante de olhar através



de Jenny, não como se a ignorasse, mas como se ela sequer existisse. Provavelmente era a única maneira de Callie lidar com o fato de que sua nova colega de quarto tinha roubado o coração de seu namorado. Se Jenny fizera ou não de propósito, não tinha importância para Callie. Ela *fez* e pronto.

Num fim de tarde, Jenny voltava da biblioteca e encontrou Callie enfiando as roupas recém-lavadas no armário. (Toda a galera rica manda lavar a roupa na Fluff'n' Fold da cidade. Jenny se sentia uma plebéia total por usar as máquinas do porão.) Ela percebeu que as mechas normalmente longas e louro-arruivadas de Callie tinham sido cortadas em camadas pouco abaixo dos ombros. Depois de se debater muito, Jenny enfim disse, “Caraca, seu cabelo está incrível!” e foi totalmente sincera. Mas Callie limitou-se a bocejar e procurar manchas de batom nos dentes pelo espelho.

Desde o fim de semana de Boston, a única vez em que Callie falou com ela foi desagradável, para dizer o mínimo.

— Esse vestido é novo? — perguntara Jenny numa tarde, esperando resposta nenhuma, como sempre. Afinal, a pergunta era insensata. Desde o rompimento com Easy, *todas* as roupas de Callie eram novas. Sacolas amarfanhadas da Saks, Barneys e Anthropologie formavam uma pilha alta na lixeira todo dia, e caixas de sapatos da Missoni e Michael Kors estavam começando a se empilhar, ainda fechadas, ao lado da porta do armário de Callie. Callie se virou, o cabelo novo caindo no lugar certo como se tivesse nascido desse jeito, e disse, como uma rainha:

— É. E se houvesse alguma chance de caber em você, eu ficaria preocupada de você *roubar* — antes de marchar para fora do quarto, deixando Jenny de boca escancarada.



E então ela fazia o máximo para dar a Callie o espaço que ela precisava, adquirindo o hábito de acordar cedo, tomar banho, vestir-se e escapular, tudo antes que Callie chegasse a tirar dos olhos a máscara de seda roxa e saísse da cama. Era um jeito de viver exaustivo e clandestino, e Jenny estava ficando cansada de sempre ter de deduzir quando Callie estaria fora do quarto para ela poder se esgueirar para dentro.

— Você está bem? — Easy levantou a gola do blazer para se proteger da chuva. A água empoçava no alto de seu Doc Martens de cor indefinida — pretos? Vermelho-escuro? Cobertos de terra? Um cadarço amarelo e puído caía frouxo e se arrastava atrás dele, já enlameado, enquanto ele arrastava os pés no cascalho do passadiço com a ponta do sapato. Até os sapatos dele eram lindinhos.

— Acho que sim. — De repente Jenny largou o guarda-chuva na grama ao lado da passagem e ergueu o rosto para o céu chuvoso, deixando que as gotas frias caíssem em sua pele. Ela sentia falta de Nova York, um pouquinho. Suas novas galochas seriam perfeitas para esparramar a água das poças que neste momento deviam estar se formando na frente de seu prédio na West End Avenue com a rua 99.

Easy não pareceu se importar com o banho improvisado. Aproximou-se e, quando virou o rosto para ele, Jenny viu seus olhos faiscando com a chuva, um cacho castanho escuro colado em sua testa.

— Você é tão, tão bonita. — Ele se inclinou para baixo e passou delicadamente o nariz no dela, antes de beijá-la.

A verdade era que ela também odiaria ver outra garota com Easy. Não podia culpar Callie. Apesar de seu lindo corte de



cabelo e roupas novas e da moda, Callie ainda estava magoada. Mas Jenny não pôde evitar. Easy era incrível e, se ela tivesse de desistir de sua amizade com Callie para ficar com ele, assim seria. Ele valia totalmente a pena.

— Você está tocando — murmurou Jenny suavemente, afastando-se de Easy enquanto sentia o telefone vibrar no bolso do blazer dele.

— Não ouvi nada. — Easy sorriu, colocou as duas mãos na cintura de Jenny e a puxou para ele.

— E se for importante?

— Mais importante do que isso? — murmurou ele. — Impossível!

E eles ficaram assim, beijando-se na chuva, na frente do Dumbarton, por um bom tempo. Jenny subiu no primeiro degrau da escada e ainda teve que erguer um pouco o queixo para encontrar o olhar de Easy. E pela milionésima vez, ela afugentou a idéia de que devia ter sido mais fácil para Callie beijá-lo — ela era uns 17 centímetros mais alta do que Jenny.

Mas se ela estava tendo tanta dificuldade para não pensar em Callie e Easy, e se era *ela* que estava com ele, a coitada da Callie devia mesmo se torturar com isso. Ou talvez fosse melhor ter Easy uma vez e depois perdê-lo do que jamais tê-lo. Jenny não tinha certeza. E ela sem dúvida não queria descobrir.



Ow1Net

Caixa de Mensagem Instantânea

AlanStGirard: Acabo de ver um momento intenso: Marymount tomando uma xícara de chá com a Srta. Rose no CoffeeRoasters — não foi ela que vc flagrou se agarrando com ele no Ritz?

TinsleyCarmichael: Você é tão eloqüente. Mas não.

AlanStGirard: Por que não conta, droga?

TinsleyCarmichael: Pq os segredos valem mais do q as fofocas, bobão. E tenho a sensação de que esta informação pode vir a calhar um dia desses.

AlanStGirard: Sabe de alguma sujeira minha?

TinsleyCarmichael: Rá. Se vc soubesse... Apenas fique na minha lista branca, ASG.